



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7976 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

COOPERATIVISMO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA NA MICRO REGIÃO MATO-GROSSENSE

Ariele Mazoti Crubelati - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

COOPERATIVISMO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA NA MICRO REGIÃO MATO-GROSSENSE

Palavras Chave: Cooperativismo. Economia Solidária. Trabalho Associado.

Introdução

A proposta deste trabalho está vinculada ao resultado parcial da pesquisa finalizada da tese de doutorado desenvolvida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFSCAR tendo como objeto de pesquisa um grupo de assentados e cooperados da micro região mato-grossense situada no Vale do Arinos. O objetivo é apresentar algumas percepções e discussões acerca do cooperativismo e da Economia Solidária (ES) enquanto discussão sociológica, fato que sabemos ser possíveis ao elegermos nossas fontes teóricas, percepções de mundo, agentes sociais, compreensão de homem articulado à sociedade.

Como caminho metodológico, o estudo apresenta um levantamento bibliográfico e articula análises com as experiências realizadas na pesquisa de doutorado voltando olhares ao perfil dos sujeitos analisados e sua relação com a produção de sua vida material junto à COOPERNONTE – Cooperativa Mista Agropecuária de Novo Horizonte do Norte. Essa cooperativa, e mais especificamente seus cooperados, que são foco da pesquisa, desenvolvem atividades com a coleta de leite e um laticínio para a produção de muçarela.

Economia Solidária: primeiras aproximações

O texto “Trabalho, Solidariedade Social e Economia Solidária” dos autores Lima e Souza historiciza a ES no Brasil relacionando esse movimento com os movimentos cristãos e sindicais. De acordo com Singer e Souza(2000) no Brasil, o movimento da economia solidária surgiu a partir da mobilização de entidades sindicais, eclesiais e universitárias, com uma proposta de cooperativas de trabalho e organizações coletivistas e democráticas. Sob essa perspectiva, houve discussões sobre as diversas formas de solidariedade, desde o viés socialista e suas variações, até o conhecido solidarismo cristão.

Os autores retomam os conceitos da solidariedade social e sua relação com o trabalho e direitos sociais. Para isso utilizam-se dos conceitos abordados por Marx e Durkheim. O primeiro autor compreende a solidariedade de classe na formação de identidades coletivas, ação e mudança social. O segundo trata da construção da solidariedade orgânica, tendo como ponto de partida a divisão social do trabalho, onde a moral e a interdependência são cruciais no desempenho das funções dos indivíduos (LIMA e SOUZA, 2004).

Os textos como “Uma utopia Militante” e “A Economia Solidária no Brasil: autogestão com resposta ao desemprego” de Paul Singer situa a ES resgatando suas raízes e primeiras discussões que pensam o trabalho para além de uma lógica hegemônica imposta. Em “Uma utopia Militante” Singer (1998) analisa o papel da revolução social no processo de passagem de uma concepção e/ou formação de consciência e sociedade para outra e o papel da revolução política com a alteração institucional das relações de poder, entendendo que uma se interliga e em certa medida depende da outra.

Dentre as discussões apresenta que o modelo ideal de produção socialista preconiza uma organização democrática de consumo e produção, onde tanto os consumidores quanto os produtores, livremente, compartilhem igualmente os ganhos do trabalho e também dos direitos e deveres que isso acarreta.

Seguindo essa linha de raciocínio em sua obra “Economia Solidária no Brasil” no capítulo “Economia Solidária: um modo de produção e distribuição”, Singer apresenta outras formas de produção que diferem da hegemônica estabelecida como alternativa oriunda da divisão social do trabalho. Dentre elas destaca a agricultura familiar, o artesanato e pequeno comércio.

Essas outras formas de produção só são necessárias, pois estamos inseridos na lógica capitalista que se distingue por um meio de produção onde o trabalho e a distribuição são mercadorias não necessariamente de quem as produz, mas, é privado, sendo posse de uma minoria e não da maioria que a produz, cabendo a essa última se limitar a capacidade individual da sua força de trabalho.

Esses textos foram necessários para que posteriormente possamos compreender que a ES dentro da autogestão, por exemplo, propõe a autonomia e emancipação dos sujeitos. Ou seja, ele preocupa-se com o econômico, mas, na mesma medida preocupa-se com o homem em sociedade e como sua conscientização pode mudar a forma como se relaciona com o mundo.

Altvater (2010) nos fez perceber que a ES deve estar intimamente ligada com os processos educativos e Educação Popular, pois, se ela não for acompanhada da formação política e da conscientização dos envolvidos ela não se sustentará. Essa forma de compreender a sociedade nos remete a outros aspectos sociais como os próprios programas de governo vigente que estão ruindo pela falta de compreensão por parte da população sobre a sua proposta de emancipação e possibilidade de mudança da realidade.

Hannah Arendt em sua obra “Origens do Totalitarismo” enfatiza a distinção entre política social e política de participação de igualdade. A política social não necessariamente está acompanhada de uma formação que preza pela emancipação e ganho de direitos, enquanto participação política de igualdade de discussão entre os sujeitos. Dessa forma, um programa social que prevê uma bolsa auxílio, por exemplo, não ocasionará possibilidade de mudança se não prever, em conjunto, um espaço político de discussão.

Sujeitos da Pesquisa: uma experiência de campo

Entendemos a economia solidária como um projeto econômico diferente do capitalista, onde os meios de produção são dos trabalhadores e as relações de trabalho são permeadas pela solidariedade. Singer (2002) conceitua a economia solidária como a organização de produtores, consumidores e poupadores, que se distinguem por duas especificidades: estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase nos mais desfavorecidos, sendo a cooperativa uma das formas clássicas desta espécie de empreendimento.

A partir da compreensão do que é e as possibilidades de mudança que a ES traz em potencial, o objeto de pesquisa voltou olhares para as experiências dos trabalhadores rurais da COOPERNONTE, que constitui-se por pequenos produtores rurais oriundos da reforma agrária.

As estatísticas oficiais divulgadas nos últimos anos sobre o estado de Mato Grosso, demonstram, por um lado, expressivo crescimento econômico, orquestrado principalmente pelas atividades do agronegócio, mas, por outro lado, comprovam que há excessiva concentração de renda, evidenciando que o planejamento e a execução das políticas para o desenvolvimento regional do Estado ou não foram bem elaborados ou foram insuficientes para gerar crescimento econômico e, simultaneamente, prosperidade e qualidade de vida para toda a população do Estado. É fundamental pensar as políticas e realidade da produção de vida material no contexto atual, pois o Vale do Arinos – composto pelas cidades de Novo Horizonte do Norte, Tabaporã, Porto dos Gaúchos e Juara – passa por significativas mudanças de atividades econômicas, substituindo gradativamente as atividades da pecuária e da indústria madeireira para o agronegócio.

Nesse sentido, o presente recorte de pesquisa vem propor a análise, reflexão e o auxílio ao incremento de políticas e ações voltadas ao desenvolvimento de empreendimentos econômicos solidários, que tenham como fundamento a sustentabilidade econômica, social e ambiental dos próprios empreendimentos, mas principalmente aqui voltando olhares aos cooperados, às pessoas que de fato compõe essa comunidade. Ou seja, é foco aqui a análise das relações entre o individual e o coletivo, entre o ser cooperado enquanto participante da cooperativa, o ser produtor enquanto participante das relações de comércio da cidade e o ser assentado enquanto participante da cooperativa.

Compreendendo a cooperativa como um instrumento social de melhoria da qualidade de vida e construção de relações solidárias, as indagações que direcionam essa pesquisa se pautam em investigar os sujeitos dessa região, compreendendo as características que os unem e o que os diferenciam, enquanto processo de formação, percebendo como se mantém e quais os principais desafios.

No entanto, enquanto resultados parciais dessas inquietações, percebemos que tais cooperados que deveriam representar sinônimo de resistência e luta de um sistema que é excludente e o inviabiliza economicamente, ele luta para tornar parte de um deles. A realidade da maioria desses cooperados é de uma realidade de sobrevivência e manutenção de vida material em cima de 7 hectares advindos da reforma agrária do Estado. Nessa propriedade começou plantar, criar algumas cabeças de gado e sobreviver principalmente da venda do leite. A cooperativa surge assim como uma possibilidade de manutenção dessa atividade onde faria uma ponte entre sua produção e a comercialização. Partem dos pressupostos do homem do campo que sempre se manteve com sua produção, que usufruem de medidas do governo (principalmente desse último governo) para se manter, como financiamentos e crédito para comprar e vender. São pessoas humildes e que fazem o que aprenderam fazer com seus pais.

Sabem da sua condição de subalternidade frente à uma realidade tão excludente do Mato Grosso, onde os pequenos produtores normalmente são “esmagados” pelos latifundiários que ficam esperando que eles queiram vender sua propriedade e deixar o caminho livre para a expansão agropecuária. Mas, diferente de outros públicos da reforma agrária, não se conformam o mínimo para sobreviver, eles vislumbram crescer e aumentar suas propriedades, seguindo a lógica do mercado capitalista, que é exatamente o sistema que o exclui. Aliás, esse imaginário se mantém para continuar com o sonho vívido. A realidade dessas pessoas enquanto assentados é diferente de outros grupos como o MST, por exemplo. Isso porque há um histórico de luta distinto.

Quando nos debruçamos nesse exercício e mudamos nossa referência, percebemos que há distintos pontos de vista dependendo do lugar de onde eu falo e de quais categorias importam naquele espaço. A partir disso, definir as categorias de análise que fazem sentido a partir das diferentes perspectivas que estão na minha situação analisada.

A obra *Acalmando o Otário* de Erving Goffman nos remete especificamente ao sujeito. É essencial pensar nos processos educativos e sociais pela perspectiva do sujeito, suas performances, ações e agências remetendo ao social, mas, o social a partir das interações. Com a microsociologia, as experiências cotidianas tornam-se o foco de análise, ou seja, passam a ser vislumbradas a partir das normas que se rotinizam e não as normas gerais (ditas dominantes).

Considerações Finais

A proposta deste ensaio é perceber como o cooperativismo e os princípios da ES permeiam os campos da vida material de pequenos grupos e modificam a lógicas de ação desses indivíduos. No entanto, para investigar os fenômenos observados em toda sua complexidade, o diálogo entre pesquisador e os pesquisados é fundamental para compreender o papel da educação popular e economia solidária na formação e consolidação por meio da experiência do trabalhador associado de maneira a perceber se esta provoca ou não uma resignificação da sua trajetória.

REFERÊNCIAS

ALTVATER, Elmar. **O fim do capitalismo como conhecemos: uma crítica radical do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, J.C. SOUZA, A.R. **TRABALHO, SOLIDARIEDADE SOCIAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA**. *Lua Nova*, São Paulo, 93: 139-168, 2014.

SINGER, P. **Uma utopia militante. Repensando o socialismo**. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1998.

SINGER, P. **Economia solidária no Brasil: autogestão com resposta ao desemprego**. Editora contexto. P.11-28

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.